

Uma Microsociologia do Desvio Evangélico: Os Descentramentos de Narrativas Desviantes

Isaac Palma Brandão¹

Pedro Fornaciari Grabois²

Introdução

A igreja parece atenta à fala desajeitada, ele busca uma linha que consiga traçar entre as palavras e os sentidos que busca empregar. Os jargões sempre são a melhor saída, dizem o que todos querem ouvir, são simulacros de entendimento, comunicam apenas um pertencimento. “Estava *desviado*”, disse ele com orgulho da recuperação que agora afirma. A palavra *desviado* carrega muitos significados no mundo evangélico, tantos que não é preciso dizer todos; ao evocar a palavra cada um que a ouve recorre aos seus significados, aos pecados que os assombram, e que permanecem em sua luta diária para serem vencidos. “Deus me resgatou”, diz ele menos desajeitado e mais convicto, talvez perceba no rosto de sua plateia a aprovação de sua jornada. Mas o que é estar desviado? “Pecar” é estar desviado? “Estar no pecado” é diferente de pecar, dizem aqueles que controlam a economia que leva apenas alguns para o céu. No senso comum, estar desviado é uma condição daquele que peca e não se arrepende, ou seja, daquele que permanece no pecado.

O desvio é característica importante na construção de sentidos entre os evangélicos, pensar no *desviado* é necessariamente pensar naquele sobre o qual se diz ter abandonado o caminho reto, aquele que por contraste a uma perspectiva hegemônica do “ser evangélico” foi constituído como desviante desse único possível caminho. No entanto, nessa discussão, surgem mais perguntas do que respostas; assim, ao mudar/redirecionar o olhar, podemos compreender que o *evangélico desviado* pode ser visto como um lugar específico de fala e, talvez, de reivindicação. Um exemplo que ajuda na

¹ Graduando em Sociologia pela Universidade Federal Fluminense, isaacpalma1@gmail.com.

² Mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), doutorando em Filosofia no PPGFIL-UERJ, Professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), pedrograbois@gmail.com.

compreensão de como se dá a disputa em torno do desvio no interior mesmo do pluriverso³ evangélico pode ser colocado da seguinte maneira. Quando alguém deixa de frequentar uma determinada igreja local, é bem possível que o líder religioso daquele ex-membro da igreja diga que o sujeito deixou a igreja porque virou herege, deixou de seguir a Bíblia, se desviou. No entanto, é possível, ao mesmo tempo, encontrar no relato do ex-membro da igreja uma acusação semelhante em relação à sua comunidade de fé recém-deixada. Quando perguntado por que deixou a igreja, ele pode dizer que a igreja se desviou do que é pregado na Bíblia e por isso a própria igreja está em heresia, etc.

Paralelamente ao crescimento do número de evangélicos no Brasil, tem se constituído campos de pesquisa que estudam as dinâmicas específicas deste pluriverso. Existe ainda, dentro da construção social das identidades, um esforço no sentido de sujeitar aqueles que se entendem como evangélicos a caracteres específicos, o que ocorre com as mais diversas identidades. A construção mais recente do “evangélico” se dá pela organização do discurso sobre uma subjetividade evangélica que se encontrava dispersa: com o tempo, foram eleitas algumas características comuns. Porém, temos que nos perguntar quais falas são levadas em consideração nessa construção e a partir de que lugar se constroem essas identidades.

Outro ponto interessante de análise seria pensar como o próprio fato de ser evangélico no Brasil já constitui uma espécie de desvio em relação à religiosidade dominante – o catolicismo. Não apenas o ser evangélico, mas todos aqueles/as que não eram católicos foram historicamente considerados como desviantes. Mesmo a despeito do crescimento do número de evangélicos verificado no último censo do IBGE (2010), estes ainda são vistos

³ Aqui, utilizamos o termo pluriverso numa contraposição à ideia de universo e de universalidade. A perspectiva da universalidade é, em última instância, a seleção de determinados atributos particulares e universalização dos mesmos. Aquilo que é tido como universal é antes o efeito de relações de saber e poder sempre situadas em contextos específicos. Ao contrário, pluriverso remete ao conceito de pluriversalidade, pressupondo não a universalização de um ponto particular, mas a assunção da multiplicidade de lugares de fala e perspectivas. Assim, falar em pluriversalidade significa compreender que a validade de um saber não pode ser estabelecida às custas da exclusão de outros saberes. Para uma discussão mais aprofundada sobre pluriverso e pluriversalidade, ver o artigo de Mogobe Ramose (2011), no qual estes conceitos são mobilizados para analisar a questão da Filosofia Africana.

como expressão de uma religiosidade menos legitimada pela população, o que apontaria para a persistência dos efeitos da colonização católica.

A expressão “evangélicos” é na verdade uma aglomeração de sentidos distintos e dispersos, uma expressão polissêmica, que abarca ambivalências muitas vezes irreconciliáveis. A partir da pluralidade presente dentro dos círculos do que denominamos como evangélicos, é difícil falar de padrões em termos de interpretação da bíblia e reprodução das práticas. Nesse sentido, talvez, alguns pontos mínimos sejam comuns, e em grande parte podem ser lidos como fruto de uma construção contrastiva com o catolicismo, entre eles principalmente a prática missionária ou proselitista (MAFRA, 2001) e uma moralidade mais rígida. De forma geral, é importante ressaltar a diversidade e as dissidências internas, e que apesar disso foi construída uma identidade única. Resta-nos perguntar, quais os efeitos da produção dessa identidade única em termos de construção de uma subjetividade evangélica.

Podemos dizer que essa homogeneização produz também uma percepção entre os próprios evangélicos. Como apontado no início do texto, é muito comum a utilização da categoria *desviado*, que está presente em todas as ramificações do campo evangélico. Dos variados grupos classificados como evangélicos no Brasil, não são todos que descendem de uma tradição com moralidade rígida; no entanto, ser evangélico passou a corresponder quase que necessariamente a uma moral muito demarcada, distanciando esta identidade das práticas católicas, muitas vezes percebidas como menos “severas”. Constantemente, os pastores se repetem na conclusão inspirada em um versículo bíblico e adaptada livremente que afirma: “Largo é o caminho que nos leva para o inferno, e estreita a porta que nos leva para o céu”.

Esse trabalho assume o *lugar do desvio* como perspectiva para compreender o campo evangélico e suas dinâmicas próprias. Para tanto, cabe-nos, em primeiro lugar, entender como se constroem os desviados, e quais efeitos a categoria “desviado” produz sobre os evangélicos. Aqui, desvio pode ser compreendido como um aspecto unificador entre as diferentes ramificações do campo evangélico, que reflete uma luta por significação dentro dos espaços religiosos e sociais na construção de

identidades coletivas. Em segundo lugar, trata-se de discutir as características desse desvio (carreiras desviantes), sobretudo as disputas em torno das imposições de regras que levam alguns sujeitos a serem rotulados como “desviados” (BECKER, 2008). Se entendermos a construção do desvio e do desviado como luta política, então poderemos pensar o conceito de *desviado* não apenas como elemento do âmbito da moral, mas também como algo que envolve tensões e conflitos em torno da produção de uma subjetividade evangélica. Por fim, pretende-se discutir, de que maneira, no interior dessa luta que constitui a identidade evangélica, a existência de diferentes grupos de desviantes indica a possibilidade de um outro olhar sobre as subjetivações em disputa nesse campo, que tomaria o desvio como lugar de referência. Trata-se de empreender uma microsociologia do desvio evangélico, tornada possível a partir do descentramento das perspectivas hegemônicas e da desconstrução da produção incessante de sujeições.

Por que (não) o desvio?

Quando falamos de desvio/desviado, é preciso nos perguntar antes de tudo, como esse lugar se constrói, mas as perguntas que nos surgem parecem sempre nos fazer retornar em nossa reflexão a outro ponto (que sempre é anterior) que desencadeou esses processos. São necessárias, portanto, algumas (in)definições metodológicas, no sentido de construção de uma ferramenta específica (provisória), que nos possibilite um real diálogo, entre aquilo que construímos como “dados do campo” e as teorias que nos sirvam na construção textual e na discussão. Trata-se, assim, de levar a sério esses dados, não como simples ferramentas de uma verdade pré-formulada, mas na busca de uma compreensão sociológica mais aprofundada. As teorias não são os protagonistas originais e não devem se sobrepor aos atores que se constituem em suas práticas.

Seguindo uma boa tradição das ciências sociais, as discussões aqui expostas procuram deixar que “nossas teorias e categorias” já institucionalizadas pela cultura livresca sejam afetadas com percepções advindas de outras formas de saber. Nesse sentido, nos colocamos as seguintes perguntas: como “nosso campo” afeta nossa forma de pensar

sobre ele? Como pensamos a construção desse problema sociológico? Como o reavaliamos dentro da produção acadêmica? Por que nos parece importante discutir isso? E mais, qual nosso lugar como autores dentro dessa discussão?

Talvez nos perguntem: “por que pensar o campo evangélico a partir do desvio?” Poderíamos responder: Por que não a partir do desvio? Porém, para chegar a essa conclusão é preciso entender que se trata também de uma questão epistemológica, que se coloca antes do debate e que é parte do debate.

O olhar que lançamos para o debate sobre aquilo que chamamos de campo evangélico é necessariamente derivado das microrrelações e sua micropolítica. Em nossa percepção uma perspectiva que vislumbre antes uma estrutura do que as relações construídas em seu meio vai quase que necessariamente deslocar nosso olhar para os centros de poder, e (quase) sempre nos deixará reféns da reificação das perspectivas hegemônicas do que é “ser evangélico”, por isso a necessidade de desviar o olhar para outros grupos que podem propor outras narrativas.

Entendemos a construção dos “consensos” no pano de fundo da tentativa de **imposição de regras** de um grupo sobre os demais, e/ou da reificação dessas imposições por agentes externos. Não há consenso sobre o que é ser evangélico, há uma constante tentativa de construção de subjetividade, porém a mesma é sempre fragmentada pelos diversos discursos que se reivindicam como mensageiros/defensores da verdade, isso olhando para aqueles que constroem suas narrativas a partir dos centros de poder, porém há aqui que se relevar que esses centros nem sempre monopolizam todo o poder sobre as identidades que se modulam, ressaltar que existe uma polifonia (CLIFFORD, 2014), ainda que dissimulada por alguns, e empreender um olhar a partir das multivocalidades que compõem o pluriverso evangélico, trata-se também disso esse trabalho.

Os desviados e os desviadores

Algumas pessoas conversam nos corredores da igreja, um deles, mais exaltado, pergunta se alguém se lembra de Ricardo, um jovem que apesar de

seus pais estarem todos os domingos na igreja, não vai mais há pelo menos um ano. Um deles disse que o procurou, porém foi recebido com grande hostilidade, outro disse que conversou com seus pais, e estes lhe pareceram um tanto decepcionados. “Desde que entrou na faculdade não quer mais saber de Deus, pode ser uma fase, mas temo que isso se estenda por tempo demais” sentencia aquele que era um de seus melhores amigos. Todos concordam que ele está desviado, que fez uma escolha pelo “caminho largo”.

Muitas vezes quando se fala de desvio, o agente caracterizado como desviante está ausente dessa construção. Para Howard Becker (2008, p. 27), desvio “não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele”. Trata-se de reconhecer que o fato central do desvio é o de que ele é criado pela sociedade ou pelos grupos:

grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders. [...] o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infrator” (BECKER, 2008, p. 21-22, grifos do autor).

Neste sentido, podemos compreender que a responsabilidade pela construção do desvio é dos agentes que o constituem em suas interações. Utilizando os termos de Roy Wagner (2014) no caso do pluriverso evangélico, é possível compreender que o desvio é uma *invenção* de diversos agentes que constroem a “cultura evangélica” de maneira dinâmica e que o desvio é sempre uma (re)invenção das (e nas) interações. Ser desviado pode depender de vários fatores, “estar em pecado” não é o único fator que faz com que os outros respondam com essa caracterização. Depende do lugar nas redes de práticas e discursos onde aquele agente está situado, e sobretudo o lugar que ocupam aqueles que o caracterizam como desviante: os filhos de líderes nem sempre são tratados como os demais; dependendo da forma e do lugar como o “pecado” é “cometido” ele não vai ser relevado; dessa forma, o desvio é uma questão de perspectiva e sobretudo uma questão de luta política. Se aceitarmos uma determinada rotulação como natural, acabamos por assumir uma perspectiva específica sobre as

construções de identidade, que acabam invisibilizando outras possibilidades de leitura, reificando um lugar ainda “essencializado” do desvio. Nessa discussão, Becker ressalta o protagonismo dos “empreendedores morais”, que são atores específicos que lutam para que determinadas regras ou práticas sejam impostas de determinada maneira, são aqueles que empreendem uma luta específica e aqueles que reclamam as faltas alheias e mobilizam recursos (sejam eles materiais ou teóricos) para que seja bem sucedida a imposição de uma visão (que é sempre de um grupo) sobre os demais (BECKER, 2008). No pluriverso evangélico podemos destacar os pastores, diáconos, líderes de grupos, teólogos como empreendedores morais privilegiados, porém, esse lugar não é específico dos líderes. Assim, a eficácia de um empreendimento moral vai depender do lugar político que os diversos empreendedores ocupam.

Seguindo essa formulação, é preciso compreender como os desviados se inventam numa dinâmica contínua. Becker ressalta que existem diferentes tipos de desviantes e que não se pode colocar o desvio como uma categoria universal que engloba todas as práticas dos agentes que assim são rotulados, mesmo que muitos assim o queiram. Alguns desviantes, apesar de suas práticas serem contra as regras de bom comportamento da comunidade, aceitam esse lugar que lhes é imposto, param de frequentar a igreja como *resposta a essa resposta* às suas ações ou então reafirmam esse lugar para continuar pecando, essa resposta é também uma forma de reafirmar a construção hegemônica. Ainda que possa ter uma reivindicação por outras vivências, muitas pessoas acabam por aceitar o caminho que lhe impuseram como o (único) correto e assumem que o caminho que escolheram para si é um caminho de “rebeldia, erro e pecado”.

Com base nessa reflexão, este trabalho não analisa as carreiras desviantes enquanto fenômenos meramente individuais, sem uma articulação com um olhar sobre a constituição de grupos desviantes, que se tornam, por sua vez, empreendedores morais de um tipo distinto do estabelecido. Deste modo, apresentamos a seguir algumas reflexões realizadas a partir da assunção do desvio como lugar possível e apontamos também alguns elementos ligados a estratégias de desvio praticadas por um grupo do campo

evangélico, mostrando de que maneira seus integrantes reinventaram a categoria desvio.

Os afetos do desvio

A cena é composta por jovens evangélicos lavando os pés de integrantes de religiões de matriz africana. A lavação de pés é um elemento cultural registrado e mobilizado na Bíblia para significar uma atitude de serviço em relação ao outro. Repetindo o mesmo gesto, o grupo evangélico procurava sinalizar uma abertura e uma disposição para o diálogo com expressões religiosas distintas e também com formas de vida não-religiosas. “Expressão da liberdade” foi o nome dado a esse evento, realizado em praça pública e com poucas adesões, mas bastante significativo pela apropriação que fez da fórmula “liberdade de expressão”. A liberdade de expressão, estabelecida na modernidade como direito universal, algo que seria igualmente partilhado por todos os membros de uma democracia liberal se converteu também numa defesa do direito a ter preconceitos e a rejeitar enfaticamente determinados modos de vida.

No Brasil contemporâneo, grandes grupos denominacionais evangélicos se reúnem para atacar de forma explícita uma série de pautas dos movimentos LGBTs, tais como, a criminalização da homofobia, a educação das relações de gênero nas escolas, o casamento civil igualitário, dentre outras. A radicalização da compreensão da ideia de “liberdade de expressão” deveria levar todos aqueles comprometidos com o modelo proposto pela democracia liberal a considerar as mais variadas formas de vida como garantidas pela liberdade de expressão. No entanto, as pautas conservadoras mobilizadas por grupos evangélicos de grande poder midiático parece ter invalidado tal movimento. Em contraposição a esses grupos evangélicos em destaque, foi que o grupo Cristoversivos foi criado em 2013. Ainda que com pouco alcance no meio evangélico, em suas atividades (encontros, debates, pequenas mobilizações de rua, etc.), o grupo procurou articular intencionalmente a identidade cristã com a de ideia de subversão. Sua ideia é defender um *crístianismo minoritário* realmente sintonizado com a afirmação de direitos e também com um diálogo direto com grupos de outros

pertencimentos religiosos ou sem pertencimentos dessa natureza. O evento “Expressão da Liberdade”, segundo o relato de um de seus participantes, foi realizado para: afirmar a liberdade daqueles que buscam o reconhecimento do seu modo peculiar de ser e viver, distinto da parcela da população com maior poder político, econômico, etc.; defender grupos esses minoritários que sofrem evidente perseguição da maioria dos evangélicos; e desautorizar essa perseguição. A formação desse grupo e a realização desse evento em especial marcam assim o questionamento da autoridade sobre o que é ser evangélico e quais os modos de vida possíveis para cristãos e não-cristãos.

O grupo é apenas um exemplo de uma série de iniciativas que permanecem anônimas diante das grandes narrativas acerca do que é ser evangélico/a no Brasil. Têm crescido reivindicações por outras vivências no meio evangélico, que não necessariamente passem por uma moralidade rígida ou defesa de valores conservadores. Em torno disso, existem diversas significações, porém, nesse trabalho é importante perceber como esses grupos assumem muitas vezes o lugar antes estigmatizado como ponto de reivindicação política por outras narrativas e conseqüentemente por outras subjetivações evangélicas.

Trata-se aqui portanto de pensar uma reversibilidade das perspectivas dominantes sobre o campo evangélico, entendendo que as mesmas são atravessadas por invenções políticas e que suas epistemologias sobre o campo evangélico são, quase sempre, contaminadas por olhares centrados, olhares que partilham de um “caminho reto”. O que quer dizer que é preciso problematizar as categorias “óbvias” e as significações que elas produzem, mas para isso é preciso um lugar de análise – o sujeito desviado –, que busque o desvio como forma de apropriação e de criação de outras narrativas. Este lugar nos parece importante porque nos ajuda a tornar problemático o que poderíamos chamar de um estatuto ontológico já construído a respeito dos evangélicos. Não almejamos criar outra centralidade, mas, afetados por essa perspectiva, *desviar* dos centros hegemônicos e entender os movimentos a partir de outras bases.

O desvio não é somente uma “categoria nativa”, revelando a autoridade do pesquisador sobre os pesquisados, a relação que se constitui a partir

desse texto é distinta: o desvio é aqui utilizado como estratégia de análise textual. Mas antes é preciso discutir o lugar de fala dos autores: quem somos nós dentro dessa discussão? É preciso dizer que nosso olhar se volta para os *desviados* porque também nos encontramos de alguma forma inseridos em redes e grupos que se constituem a partir das reivindicações acima descritas. Dessa forma, podemos dizer que somos afetados (FAVRED-SAADA, 2005) por esse lugar que ocupamos.

Sem pretender avançar muito na discussão acerca da autoridade e do lugar de fala do autor, ressaltamos que não nos consideramos mais competentes para a pesquisa pelo lugar que ocupamos; antes, usamos esse lugar como forma de estranhar as perspectivas que julgamos dominantes, por entender que esses *afetos* que nos envolvem nos auxiliam a entender coisas que de outros lugares não poderíamos. O lugar que ocupamos nos faz direcionar o olhar de determinada forma para aquilo que nas ciências sociais chamamos de objetos; num debate mais recente, metodologias conhecidas (ou estigmatizadas) como pós-modernas tem ajudado a relativizar essa segurança de uma relação sujeito-objeto do conhecimento. O distanciamento que teria como objetivo uma maior neutralidade também é um lugar de poder, atravessado por percepções e sensibilidades políticas. Afirmamos, portanto, que não há um único lugar possível de fala, existem diferentes lugares, todos eles não-neutros; e é necessário dentro dos diferentes campos de pesquisa assumir essa *polifonia*, como possibilidade de uma visão mais ampla das diferentes questões em jogo.

Diante disso, percebemos esses grupos como produtores de diversas “ideologias” próprias que são atravessadas pelos múltiplos pertencimentos de seus participantes. É nas interações que esses grupos e redes se constituem, numa disputa interna e numa disputa externa com outras identidades. Neste sentido, o “ser evangélico” deixa de ser uma subjetividade pronta, e a ideia de um evangélico único, abstrato, que corresponde a ideias pré-formuladas passa a ser uma ficção (teórica ou não). É imprescindível que junto à fala daqueles que se reivindicam evangélicos, seja considerado seu *lugar* e seus possíveis atravessamentos: a fala de um evangélico não representa a fala de todos os outros, o discurso evangélico é disperso, não

linear e contraditório, justamente porque não está solidificado em uma só fonte de significação.

“Mas você é evangélico? Como consegue?”, por não serem identificados como portadores das características hegemônicas de um “evangélico”, talvez sejam as perguntas que tais pessoas mais ouvem de amigos de fora do contexto religioso em questão, mas que também têm sua concepção do “ser evangélico” modulada pelo discurso hegemônico sobre o campo. A partir daí, torna-se possível reinterpretar o pluriverso evangélico, e essa é a principal questão que atravessa este trabalho: entender aqueles e aquelas que se reivindicam como evangélicos sem lançar mão de entendimentos pré-estabelecidos. Muitos desses são militantes políticos, que pautam debates raciais, de gênero, de política econômica, etc.; constroem outras formas de ler a bíblia, e significar a sua fé. Nos temas construídos como os “mais polêmicos para os crentes” – drogas, sexualidades, diversidade religiosa, etc. –, há de fato uma pluralidade de formas de pensar e agir.

É importante ressaltar que não são somente experiências individuais, mas construções coletivas, onde esse lugar de desviado, é reivindicado como aspecto positivo. Categorias como a de *subversivos*, retomada pelo grupo Cristoversivos, passam a ser vistas como algo bom, ao invés de um estigma da rebeldia juvenil. Apesar de muitas vezes aquilo que os aglutina nessas redes ser algo distinto - tal como uma militância política, mais do que a fé propriamente - o terreno comum é a tradição que mobilizam. Mas há de se ressaltar que esses grupos, apesar de existir a possibilidade de formarem redes comuns de afetos, por serem dispersos, constroem significações próprias. Portanto, não se trata aqui de um movimento uniforme e organizado, mas de práticas de subjetivação desencontradas e, no entanto, com traços similares, o que as coloca em um mesmo terreno. Parece-nos que este mesmo terreno se constitui a partir da caracterização feita pelos “de fora” e também pela apropriação que os grupos fazem nas interações de suas redes.

Conclusão

Diante das questões aqui discutidas, buscamos apresentar uma perspectiva do pluriverso evangélico a partir do desvio, não só como lugar de análise, mas também como metodologia e produção textual, desviando assim para lugares distintos das perspectivas centralizadoras. Concluimos que dentro de um campo tão diverso, é preciso recorrer a perspectivas que abram espaço para a *polifonia*, produzindo assim um descentramento de perspectivas e um redirecionamento constante para os vários pontos dessa rede de labirintos interligados por laços precários. Neste sentido, optamos por uma perspectiva *interacionista*, ou seja, que privilegie as interações, não porque entendemos que as interações são a principal questão nas relações, mas porque essa perspectiva nos foi útil para encontrar, por dentro das camadas de interpretação, outras possíveis significações que estão omitidas por narrativas hegemônicas. Por este motivo, lançamos mão de uma *microsociologia*. Porém, as interações também abriram espaço para formas de compreender aspectos mais gerais, levando-nos a fazer abstrações necessárias dentro do curto espaço de um trabalho acadêmico. Nosso intuito aqui é o de abrir espaços para outras reflexões, mais do que contestar, pensar formas de compreender as dinâmicas nas quais os diversos grupos evangélicos estão inseridos.

Por fim, entendemos a emergência de ferramentas que permitam que as ambiguidades e as contradições não só apareçam, mas também conduzam a discussão. É preciso aqui, nos diversos campos do saber: em primeiro lugar, empreender a *desobediência epistêmica* (MIGNOLO, 2008), para que os atores não estejam sempre sujeitos às diversas teorias ou à tirania de uma única teoria; em segundo lugar, inventar formas de reverter esses lugares de poder que as teorias tradicionais naturalizam como óbvios. Neste ponto, entendemos os desviantes evangélicos como facilitadores nesse processo, sobretudo aqueles que constroem teorias próprias sobre seu lugar de desviante, e que, a partir de seus lugares marginais, possibilitam não só a emergência de novas narrativas, mas de novas formas de olhar para esses mundos. Que nossas teorias possam sempre ser afetadas por essa

constante inadequação dos evangélicos desviantes, talvez no anseio contínuo de desconstrução de uma possível *teoria por-vir*.

Referências:

BECKER, H. S. *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. São Paulo. *Cadernos de Campo* (USP); n. 13; p. 155-161; 2005.

MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Rio de Janeiro. *Cadernos de Letras* (UFF), n. 34, p. 287-324, 2008.

RAMOSE, M. B. Sobre a legitimidade e o estudo da Filosofia Africana. *Ensaio Filosóficos*, Volume IV, p. 6-25, outubro/2011.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2014